Pág. 167-168

Wilhelm Geyer, pintor de Ulm, amigo de Hans e Sophie Scholl; ficou algum tempo em Munique durante fevereiro de 1943 para fazer o retrato de Carl Muth e viveu temporariamente com os irmãos Scholl, ou seja, no ateliê de Eickemeyer

Para Hans, o professor Huber, Carl Muth e Theodor Haecker foram personalidades determinantes. No entanto Hans, não teve também pouca influência sobre esses senhores, que vivendo em isolamento, não estavam fechados para o reconhecimento vindo de um jovem.

No dia de Stalingrado, eu fui com Hans a uma aula do professor Huber. Em frente à entrada da universidade estavam muitos estudantes e outras pessoas observando as faxineiras, que tentavam limpar as letras do tamanho de pessoas da inscrição onde se lia “Liberdade”.

Durante a aula, professor Huber recordou das vítimas de Stalingrado conforme o protocolo e acrescentou a frase: “O tempo das frases acabou”.

Depois da aula, Hans queria esperar pelo professor Huber em frente à universidade. Eu o dissuadi dessa ideia com a observação de que o lugar estaria cheio de espiões e ele já tinha ouvido o que o professor Huber diria. Nós fomos ao *Feldherrnhalle[[1]](#footnote-1)* na Rua *Ludwigstraβe*. Nas fachadas e sobre as calçadas haviam sido feitas com estêncil as inscrições: “Abaixo Hitler”, usando papéis brancos colados em sobreposição. Eu disse a Hans: “Isso o senhor (eles) fez bem”. Ele respondeu a eles (maioria): “Isso é uma estupidez, agora a universidade será fechada”. Na semana anterior, Alex me perguntara como se produzia um estêncil. Liberdade era a primeira e última coisa que o grupo defendia. Eles estavam feridos na sua dignidade humana. Ocasionalmente, eles conversavam sobre um contato em Berlim e com alguém no exercito do Reich. Mas isso soava muito vago.

Na terça-feira da última semana, eu cheguei à noite, às 6 horas, na *Franz-Joseph-Straβe*, para ir buscar a chave do ateliê, que Hans sempre apanhava comigo as sextas-feiras. Ninguém atendeu quando toquei campainha. Eu pressionei a maçaneta, e a porta se abriu. Hans e Sophie estavam no escuro. Sophie disse aliviada: “Ah, é o senhor Geyer”.

Nós fomos jantar juntos na Adega. Sophie foi a um concerto no Hotel *Bayerischen Hof*. Eu fiquei sentado com Hans ainda por uma meia hora. Ele disse que quando tudo passasse ele queria criar uma imprensa livre. Essa foi a última vez que eu o vi.

Sophie ainda foi ao ateliê depois do concerto para uma xícara de café. Nessa ocasião, ela disse: “Muitas pessoas caem por esse regime, está na hora de alguém cair contra ele”.

Eles sabiam que eram espionados pela Gestapo e brincavam com os pensamentos de fugir. Mas a preocupação com a família e com os amigos os impedia disso.

Se eles deveriam ser presos, que não fosse em segredo, mas sim que o mundo inteiro soubesse.

Isso, provavelmente, explica a atitude deles com os panfletos na universidade.

Na manhã de quarta-feira ainda tomei café da manhã com Sophie. Eu fui nesse dia para Stuttgart, mas deveria estar de volta a Munique na sexta-feira. Ela disse que ou Hans ou ela viajaria para Ulm. Mas certamente um deles iria para lá.

Ulm, 21 de setembro de 1968

1. Um monumento construído entre 1841 e 1844 a mando do Rei Ludwig I, foi um tributo ao exercito da Baviera que lutou na guerra Franco-prussiana. Em 1923 este monumento foi palco de um confronto entre a polícia e uma marcha ilegal de seguidores de Hitler. Neste confronto morreram 16 pessoas e Hitler foi preso. [↑](#footnote-ref-1)